

TÍTULO DO TRABALHO			
EXPRESSÕES DO ÓDIO DE CLASSE BURGUESES NO BRASIL: O FASCISMO DESAVERGONHADO.			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Pedro Guimarães Pimentel	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ	Servidor
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O caráter amorfo e massivo das grandes manifestações que tiveram palco em Junho de 2013 abriu espaço para as mais variadas tentativas de direcionamento político das pautas e bandeiras apresentadas naquele momento. Em nosso trabalho, queremos discutir, fundamentalmente, a opção conservadora-fascista que, elaborada cuidadosamente ao longo de décadas pelos partidos de direita, encontrou apoio e difusão na grande mídia burguesa. Uma de suas consequências mais notável foi a falsa polarização Norte-Sul (ou Nordeste-Sudeste) logo após os resultados das eleições presidenciais de 2014 que garantiu a reeleição de Dilma Roussef, evidenciada, principalmente, nas redes sociais como o Facebook e o Twitter – e sustentada pelos principais jornais das redes de televisão. Essa discussão nos remete, com efeito, à moral e à ideologia das classes dominantes brasileiras que, enraizadas no racismo, no patriarcalismo e no ódio ao pobre, transformaram o nordestino e o trabalhador em situação de miséria - beneficiário do “Bolsa Família” - em sujeitos-alvos responsáveis pelo famigerado “atraso brasileiro” e pelo “subdesenvolvimento”. Para tanto, nos debruçaremos sobre algumas falas durante o horário eleitoral, artigos e colunas de jornais de grande circulação, e a atual configuração do parlamento brasileiro bem como a movimentação de propostas de leis com a nova legislatura. Temas como a legalização do aborto, o casamento civil igualitário e a redução da maioria penal também farão parte desta análise. Por fim, daremos destaque a atual onda pró-impeachment e o debate acerca da corrupção.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Fascismo; Grande Mídia; redes sociais; ódio de classe			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>The amorphous and massive character of riots that occurred in June 2013 paved the way for the most varied attempts at political direction of guidelines and flags presented at that time. In our work, we want to discuss, mainly, the conservative-fascist option, which, carefully crafted over decades by right-wing parties, found support and dissemination in the great bourgeois media. One of his most notable impact was the false North-South polarization (or Northeast-Southeast) after the results of the presidential elections in 2014, which secured Dilma Roussef re-election, evidenced mainly in social networks like Facebook and Twitter - and supported by major newspapers television networks. This discussion leads us, in effect, to morals and ideology of the Brazilian ruling class that, rooted in racism, patriarchy and hating the poor, transformed the northeastern and the worker in extreme poverty – benefited by the "Bolsa Familia" - in subject-targets responsible for the infamous "Brazilian backwardness" and the "underdevelopment". Therefore, we will look on some lines during the election schedule, articles and major newspapers columns, and the current configuration of the Brazilian parliament and the movement of laws proposed to the new legislature. Topics such as the legalising abortion, equal civil marriage and the reduction of age of criminal responsibility will also be part of this analysis. Finally, we will highlight the current “pro-impeachment” wave and the debate about corruption.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Fascism; Mass Media; networks; “Class hatred”			
EIXO TEMÁTICO			
3. Poder, Estado e luta de classes			

EXPRESSÕES DO ÓDIO DE CLASSE BURGUEÊS NO BRASIL: O FASCISMO DESAVERGONHADO

1. É possível um fascismo brasileiro?

O fascismo é caracterizado como um fenômeno histórico que teve vez na Europa entre guerras, quando da ascensão de Mussolini na Itália e Hitler na Alemanha. Para além das suas razões econômicas de ser, está profundamente marcado como um movimento de massas de cunho racista, nacionalista, xenófobo e com ações de extermínio, genocídio e violência generalizada.

No Brasil, o insucesso e o dismantelamento - mesmo que incompleto - da Ação Integralista Brasileira, após o malfadado levante de 1938, aparentemente pôs fim ao movimento de maior alcance popular que mais se assemelhou à ideologia fascista. Porém, se é impossível afirmarmos que nossa cultura está livre do culto à violência e, principalmente, do racismo, deveremos ampliar (no tempo e no espaço) o conceito de fascismo em busca de responder com precisão à pergunta que abre o nosso trabalho.

Em primeiro lugar, o fascismo é uma ideologia e, como tal, tem sua emergência condicionada no interesse de uma determinada classe, ao mesmo tempo em que se espraia pelas demais, atingindo, num determinado momento (como foi na Itália e na Alemanha) a condição de *ideologia dominante*. Isto significa que, como um conjunto de saberes e valores culturais e políticos, o fascismo ítalo-germânico logrou atingir as massas populares superando as barreiras condicionantes de sua classe de origem (burguesa) e movimentando politicamente a classe trabalhadora. Desse modo, e pela análise histórica correspondente, ao mesmo tempo em que é equivocado afirmar que o fascismo é *exclusivamente* burguês, é errôneo supor que o fascismo pudesse ter origem na classe trabalhadora.

Em segundo lugar, o fascismo não se encerrou das páginas da História com a queda de Mussolini e de Hitler. Para que uma ideologia se torne dominante, ou ao menos entre em conflito com outras ideologias e seja capaz de fazer frente a elas, é necessário um determinado tempo, além, é claro, de se expressar através de uma coletividade. Assim sendo, ela não “morre” com a morte de seus líderes ou principais expoentes, tampouco deixaria de existir da noite para o dia. Para a liquidação histórica de uma ideologia é preciso uma superação dialética a medida em que os indivíduos estejam convencidos de sua irracionalidade e de seus malefícios, a curto, médio e longo prazo. Outrossim, o

fascismo sobreviveu em diversos grupos políticos clandestinos, apesar de inúmeras legislações que o criminalizassem após o fim da Segunda Grande Guerra.

Leandro Konder adverte que “a palavra “fascista” tem sido frequentemente usada como arma na luta política (...) No entanto, esse uso exclusivamente agitational pode impedir... uma *análise realista e diferenciada* dos movimentos das forças que lhe são adversas.” (KONDER, 1977 p.4. Grifos do autor). Por outro lado, sugere que

“a radicalização dos deslocamentos para a direita... corresponde à profundidade das exigências dos setores mais reacionários do capital financeiro, aqueles mesmos que em última análise promoveram o fascismo “clássico” e que, nas condições atuais do sistema imperialista, continuam a necessitar de uma política tendencialmente fascista para defender o capitalismo monopolista de Estado.” (KONDER, 1977 p.104. Grifos do autor).

Ao recorrermos a outros autores, como Theotonio dos Santos por exemplo, encontraremos a ideia de que “era evidente a lógica do movimento que deu origem ao golpe militar de 1º de abril de 1964. Tratava-se de um movimento contra-revolucionário que lançava as bases de um Estado centralizado e repressivo de claro conteúdo fascista.”¹ (DOS SANTOS, 1995. p.98). Um dos fatores que o possibilitou fazer tal afirmação é a marca anti-comunista dos governos militares associados à prática da intimidação, da censura, da perseguição política, da tortura, dos assassinatos e do terrorismo de Estado. O desmantelamento da ditadura e a reconquista dos direitos fundamentais de expressão e organização política² deslocaram, de alguma maneira, tal conteúdo para uma certa “marginalização” ou encobertamento que, quando associado aos horrores praticados pelo fascismo histórico (ou “clássico”).

Sendo assim, nosso itinerário, ao invés de seguir pela busca de movimentos ou organizações políticas que atualizem o fascismo “clássico”, quer vislumbrar o conteúdo ideológico fascista em seu estado disperso e que, pelas contradições que a sociedade

¹ Esse “Estado centralizado e repressivo” foi gerido pelos “setores mais reacionários do capital financeiro” como ficou demonstrado pela política econômica implementada durante os anos 1970, conhecida como o “milagre econômico” brasileiro.

² A queda do muro de Berlim e o fim do “socialismo real” na URSS também contribuíram para que o “perigo comunista” se tornasse, digamos, obsoleto na década de 1980 e 1990.

brasileira passou a apresentar na última década se exarcebaram, perdendo literalmente a vergonha. Assim, se afirmamos sua existência, quais são suas marcas na em nossa sociedade atual?

Sem dúvida, como cultura política de segregação e ódio à diferença, o fascismo, em seu estado disperso, sobrevive no racismo, principalmente quando se associam uma política de Estado de extermínio da população pobre e negra, através do monopólio do uso da força, conduzido pelos aparatos policiais militarizados e a história (que insistem em permanecer) de segregação econômica e urbana da população. Outros pilares de sua permanência se encontram nas questões de “economia sexual” - como diria Reich - principalmente àquelas ligadas ao aborto, e à comunidade LGBTT's que, de alguma sorte, afetam os “valores tradicionais da família brasileira”.

Mas que “valores” seriam estes, já que se opõem, sistematicamente, a ampliação dos direitos civis ao conjunto da população que não se expressa pela mesma moralidade? A “família tradicional brasileira” é branca, patriarcal, heteronormativa e preferencialmente racista, anti-comunista e dotada de uma moralidade específica que sustenta diversas correntes autoritárias da atual política brasileira, conforme veremos adiante.

2. Internet e mídias sociais: verso e reverso do debate político

Ninguém duvidaria que Junho de 2013 teve como um dos seus principais componentes o *Facebook*. As principais manifestações nacionais dos dias 17 e 20 foram convocadas através de “eventos”: modalidade de página do aplicativo que permite editar um acontecimento, agendá-lo e “convidar amigos”. Independente da quantidade de pessoas que “marcaram presença” no virtualmente, importa notar os números registrados no evento real. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo beiraram a casa do milhão, principalmente no dia 20. Mas quais eram as bandeiras dessas manifestações, quem as convocava e quais suas estratégias de ação?

Apesar de podermos identificar os “perfis” que editaram a convocação dos eventos e também verificar a descrição dos mesmos (as quais continham, resumidamente, os “motivos” das convocações) é impossível afirmar que toda aquela gente presente nas ruas ali estavam pela mesma causa. As manifestações daquele ano tiveram início, tanto no Rio como em São Paulo, devido ao aumento das tarifas de ônibus, mas a altura de 17 e 20 de

junho, outras bandeiras já se somavam e, algumas delas, se opunham³. Em verdade, a massa presente nessas datas estava horizontalmente organizada através de pequenos grupos (os maiores poderiam chegar à 200 ou 300 pessoas) oriundas de diversas organizações políticas, escolas, universidades, ONG's, comunidades, profissionais específicos e, principalmente, indivíduos independentes.

Tal terminologia é mais afeita à esquerda do que à direita. Isto é, os movimentos e organizações políticas declaradamente de esquerda consideram como “independentes” aquelas pessoas que, mesmo progressistas e simpatizantes das suas principais bandeiras, não estão organizadas em nenhum movimento ou partido. No entanto, na perspectiva leninista, não podemos acreditar fielmente nessa distinção, principalmente, ao termos em conta que não existe posicionamento apolítico, mesmo entre aqueles que assim se definem. Entre a alienação e o senso comum, a ideologia dominante se amplia e faz valer sua força.

É bem verdade também que os fascistas estiveram presentes no dia 20 e organizados ou não, participaram das agressões à manifestantes da CUT e do PT, mas também de outras agremiações de esquerda. No *Facebook* também se fazem presentes: uma das páginas, chamada “Fascistas Brasileiros”⁴ afirma ser “dedicada a todos que se identificam com o nacionalismo e os valores da pátria” e possui diversas postagens com teor anti-comunista.

No entanto, o que queremos ressaltar neste tópico é a particularidade das redes sociais, principalmente o *Facebook* e o *Twitter* (por serem os de maior utilização) como espaços de discussão política. O avanço da internet por todo o mundo proporcionou fenômenos semelhantes à difusão do rádio e da televisão em princípios e meados do século XX, respectivamente. Esses fenômenos estão ligados à possibilidade de trânsito imediato de informações e notícias que podem se espalhar por todo o planeta em questão de segundos. Além disso, a internet, em seu estado atual de desenvolvimento e com a popularização das chamadas redes sociais (incluindo nessa lista os *blogs*, *fotologs* e

³ No dia 20, especificamente, diversos casos de agressões à manifestantes que trajavam camisetas da CUT ou do PT foram registrados e relatados na imprensa. Ver. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-hostilizam-militantes-do-pt-em-sp,1044876;> [http://www.cut.org.br/noticias/ceara-registra-26-episodios-de-violencia-contra-jornalistas-e-trabalhadores-da-c-4cde/;](http://www.cut.org.br/noticias/ceara-registra-26-episodios-de-violencia-contra-jornalistas-e-trabalhadores-da-c-4cde/) <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/militantes-da-cut-sao-agredidos-e-expulsos-de-protesto-no-rio-de-janeiro.htm>.

⁴ <https://pt-br.facebook.com/pages/Fascistas-Brasileiros/331854906902135>

videologs) permitiu que um quantitativo inestimável de indivíduos que até então eram radio ou tele-espectadores, se tornassem também *produtores de informação*.

Este é um marco importantíssimo para a discussão acerca do debate político em sociedades onde a difusão do uso das redes sociais atingiu certo patamar. Indubitavelmente, este é o caso do Brasil e, como mostramos acima, está diretamente relacionado às grandes manifestações de Junho e Outubro de 2013. Em primeiro lugar é importante distinguir democracia de expressão direta da opinião. Claro está que aqui não estamos defendendo que a democracia deve vir acompanhada da restrição da livre expressão. Pelo contrário, o que estamos querendo afirmar é que taxar a internet e suas principais redes sociais de “democráticas”, simplesmente por proporcionarem (aparentemente⁵) a livre expressão da opinião é um equívoco, quando não uma propaganda liberal.

A democracia está longe de poder ser quantificada pela quantidade de indivíduos que tem acesso à internet ou que se expressam por meio dela. Por outro lado, observamos, no uso das redes sociais, que a livre expressão da opinião - através de postagens e comentários - ao invés de favorecer o debate político, o obscurece. Um dos principais fatores dessa miríade política confusa é a dificuldade em estabelecer critérios seguros para a verificação da veracidade ou verossimilhança das informações compartilhadas. Em outras palavras, a quantidade de informações falsas se equipara às “verdadeiras”. Este aspecto é tão notório que páginas como “Sensacionalista”⁶ e “The Piauí Herald”⁷ esbanjam humor e irreverência para lidar com esta questão. A primeira delas afirma-se, pois, “isenta de verdade”. Outro aspecto importante da expressão de opinião nas redes sociais é o teor raivoso que algumas postagens atingem.

O canal do *Youtube* “Nerdologia”⁸ produziu um pequeno vídeo que explica de forma didática como determinados assuntos ganham mais acesso e produzem maior quantidade de respostas do que outros. Geralmente, tais assuntos estão relacionados à questões que produzem emoção rápida, causam choque, dor, sensibilidade ou consternação. Todos esses sentimentos, quando associados à questões morais, sociais e políticas podem (e normalmente o fazem) gerar respostas mais imediatas, menos refletidas e naturalmente mais carregadas de rancor ou ódio. Um exemplo interessante dessa questão é o uso de

⁵ Veja, por exemplo: <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,censura-no-facebook-arbitraria-e-caprichosa,1552950>

⁶ <http://sensacionalista.uol.com.br/>

⁷ <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/herald>

⁸ https://www.youtube.com/watch?v=vF68ZBHnB_8

imagens fora de contexto para ilustrarem situações ou opiniões acerca de situações ocorridas em outro lugar que não o original da imagem.

O recente caso de agressão aos professores grevistas no Paraná foi usado pela página “Revoltados OnLine” para difundir ódio aos professores (e não aos agressores) entre os seus seguidores. Seus administradores editaram uma foto de uma manifestação ocorrida na Turquia, adicionando a legenda “ ‘Professores’ ensinando ao PM como comunismo é democracia, diálogo, paz, amor e respeito”⁹. A imagem em questão é de um provável policial deitado no chão sendo agredido por manifestantes. Pelo ângulo da foto é impossível distinguir pessoas ou precisar o local. Tão breve a imagem foi desmentida, juntamente com a do policial paranaense “ensanguentado”...

3. O movimento conservador no século XXI: marola ou maremoto?

Em 2008, o então presidente Lula afirmou que a crise imobiliária que atingia os EUA era lá um *tsunami* e aqui, se chegasse, seria uma marolinha¹⁰. É possível também que àquela altura o movimento conservador no cenário político nacional também possuísse pequena dimensão. No entanto, hoje, com o Congresso mais conservador e reacionário desde 1964¹¹ mais nos parece uma tremenda ressaca de final de verão.

E estas grandes ondas vem, literalmente, varrendo o que encontram no caminho. A eleição do deputado federal Eduardo Cunha para a presidência da Câmara dos Deputados no atual mandato veio acompanhada com o resgate da proposta de redução da idade penal (de 18 para 16 anos) que há mais de uma década tramitava nos conselhos da Câmara dos Deputados, sem ir a plenário. Não só foi colocada em votação, como foi recolocada no dia seguinte após uma primeira derrota.

Estas manobras impetradas por Cunha apesar de denunciadas pelos políticos da base governista ainda não foram questionadas judicialmente e, por outro lado, o conjunto da população não teve condições (como na maioria das decisões do Congresso) de fazer o

⁹ <http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/179397/Revoltados-On-Line-justifica-viol%C3%A2ncia-contra-professores-com-foto-falsa.htm>;

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/revoltados-online-mentem-para-difamar-professores-do-parana.html>

¹⁰ <http://oglobo.globo.com/economia/lula-crise-tsunami-nos-eua-se-chegar-ao-brasil-sera-marolinha-3827410>

¹¹ <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>

debate político sério. Importante ressaltar que esta tramitação e votação se não foi acompanhada com a dedicação que teria de ser pelos que serão diretamente atingidos por essa mudança, foi acompanhada pela propaganda midiática a favor da redução. Nas semanas que antecediam a votação, os principais telejornais noticiaram, à exaustão, diversos crimes cometidos por menores de idade, a maioria deles envolvendo homicídios, roubos e tentativas de assassinatos. Está evidente, para nós, que estes crimes aconteceram, entretanto, o tempo e a repetição de que foram destaques é que merece ser investigada.

Se, linhas acima, afirmamos que a internet em sua aparência “democrática” pode ser muitas vezes o reverso do debate político, os grandes meios de comunicação de massa, como os conglomerados televisivos, são a antítese da democracia. Fora a manipulação e a seleção do que é relevante ser noticiado, o monopólio dos meios de comunicação e seu poderio econômico se valem do *privilégio do acesso* ao conteúdo (ou à situação) na fabricação da notícia. Isto é, para o mero telespectador que cotidianamente assiste aos telejornais noturnos, depois de um cansativo dia de trabalho, é praticamente impossível confrontar a veracidade daquela informação veiculada ou ao menos complementá-la com outros pontos de vistas ou outros dados que possam vir a dar maior complexidade a um ou outro tema em questão. É verdade que muitas das chamadas “mídias alternativas” vem cumprindo com louvor esse papel na internet, mas até mesmo para termos acesso a essas “alternativas” é necessário ter um conhecimento (político) prévio. Para o receptor médio da mensagem, ou seja, para o grande conjunto da população, tais alternativas estão tão distantes quanto a própria situação ou fato gerador da notícia.

Quisemos nos estender um pouco sobre o papel dos grandes mecanismos de comunicação por acreditarmos que eles têm papel preponderante na difusão do pensamento conservador, em diversos campos sociais, mesmo que em alguns momentos atuem como difusores de mudanças pontuais¹².

Os casos mais emblemáticos são programas tais como “Brasil Urgente” apresentado por José Luiz Datena na Rede Bandeirantes e “Cidade Alerta”, comandado por Marcelo Resende na Rede Record. Ambos são focados na exibição de reportagens sobre os mais diversos crimes, especialmente os cometidos pela população de baixa renda, além da cobertura ao vivo de algumas operações policiais. O que mais assusta nesses programas é o fato de serem “comentados” em tempo real por seus apresentadores, que verbalizam

¹² A estas mudanças queremos nos referir ao aumento do número de novelas que tratam de questões homossexuais em seus roteiros.

diariamente uma concepção punitiva de justiça e difundem a ideia de que "bandido bom é bandido morto", aparentemente independente do crime cometido. Outro expoente do reacionarismo televisivo é Rachel Sheherazade, âncora no SBT.

O que todos esses apresentadores têm em comum é a difusão de um pensamento violento acerca da realidade social, que deverá ser gerida pelo aparato policial, de forma enérgica, seja lá o que isso significa. Muito mais do que as imagens compartilhadas pela internet, essas apresentações conjugadas com os comentários "precisos" de seus veiculadores tem a capacidade de chocar e incutir o ódio no telespectador. Não é equivocado afirmar que os mais recentes casos de linchamento, como o ocorrido no Maranhão¹³ sejam fruto cada vez mais evidente da perpetuação da cultura de violência e da solução particular ou coletiva, onde a lei e a justiça não foi ou é capaz de atuar. Nas palavras do professor Nilo Batista,

"O discurso criminológico midiático pretende constituir-se em instrumento de análise dos conflitos sociais e das instituições públicas, e procura fundamentar-se numa ética simplista (a "ética da paz") e numa história ficcional (um passado urbano cordial; saudades do que nunca existiu. (...)) O maior ganho tático de tal discurso está em poder exercer-se como discurso de lei e ordem com sabor "politicamente correto"."
(BATISTA, s.d. p.7).

Para além do culto à violência e ao genocídio da população pobre e negra, os grandes meios de comunicação atuam também na propaganda de oposição ao governo, que hoje pode ser resumida na tentativa de atribuir a chefe de Estado, a presidenta Dilma Roussef, a liderança dos casos de corrupção na Petrobras. Aqui, novamente, não se quer negar os fatos, nem defender que tais denúncias não devam ser apuradas, mas ressalta-se mais uma vez a seletividade dos casos apresentados e o *privilégio do acesso* à informação, como referido acima. Estes casos de investigação na estatal petrolífera são imponentes para tratarmos do assunto. É espantoso a maneira pela qual as redes de televisão têm acesso a documentos (teoricamente sigilosos) que mesmo a justiça leva tempo para se debruçar sobre eles. O prêmio da delação são os minutos de fama e a exposição na mídia. De

¹³ <http://extra.globo.com/casos-de-policia/caso-de-linchamento-no-maranhao-o-decimo-noticiado-no-estado-em-18-meses-16691433.html>

suspeitos de cometerem crimes, os delatores tornam-se especialistas políticos da fragilidade do governo e celebridades por denunciarem "o maior esquema de corrupção do país", como se fosse possível que um escândalo superasse o outro. Novamente, nas palavras de Batista, "não se trata aqui de influenciar um tribunal, senão de realizar diretamente o próprio julgamento." (Idem, p.16).

Neste momento devemos nos perguntar qual a relação que estas questões expostas acima tem a ver com o movimento conservador e a perpetuação da opção fascista, dessa vez, desavergonhada? Em primeiro lugar, é possível traçar um paralelo com situações ocorridas em outros países, como a Venezuela em 2002 que sofreu uma tentativa de golpe que, sem dúvidas, foi gestada pelo ódio com que as principais emissoras burguesas tratavam o governo do ex-presidente Hugo Chávez. A RCTV, a principal delas, tão logo Chávez retornou ao comando do Palácio de Miraflores, não teve sua licença de concessão renovada. Este caso foi noticiado no Brasil como um atentado à liberdade de imprensa¹⁴. A participação das grandes emissoras nas propagandas anti-governistas (principalmente se estes governos forem de revolucionários, de esquerda, ou ao menos progressistas) fazem parte do que afirmamos acima: são o avesso da democracia. Impedem o contraditório e fazem da "verdade" uma realidade manipulável ao sabor dos posicionamentos políticos de seus editores.

Todo este poderio dos conglomerados comunicacionais tem incidido diretamente sobre a chamada "opinião pública" e condicionado até mesmo as ações de rua. Podemos recordar, ainda nos remetendo a Junho de 2013, as falas do comentarista global Arnaldo Jabor que, num primeiro momento (no dia 13, no Jornal Nacional) questionava a validade dos "20 centavos" como motivo propulsor dos protestos nas principais capitais nacionais, afirmando que os manifestantes eram detentores de "ignorância política", além de serem todos arruaceiros, filhos da classe média e sem causa. No entanto, no dia 17 de junho, data da segunda maior manifestação daquele mês, Jabor se "retrata" afirmando que os protestos possuíam agora "uma força política original"¹⁵. Enganam-se aqueles que creem numa sincera mudança de opinião. Para nós está claro que Jabor se "retrata" por uma estratégia editorial das Organizações Globo que, tomando ciência de que as manifestações de rua tendiam por aumentar ao invés de diminuir, ganhando a adesão popular por uma causa que

¹⁴ <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL45691-5602-480,00.html>

¹⁵

<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=10%2F07%2F2015&jornal=3&pagina=27&totalArquivos=224>

parecia a única comum possível (o encarecimento das tarifas dos serviços de transporte público), resolveram “aderir” a causa na tentativa de disputar o sentido das manifestações de massa. Logo em seguida a essa mudança de postura, os principais telejornais da Rede Globo passaram a dar preferência aos manifestantes que se apresentavam com alguma crítica mais contundente ao Governo Federal. Mesmo que tecnicamente descabida, a crítica – ou simplesmente o cartaz em que se lia “Fora Dilma”, ou coisas do gênero – passou a ser considerada como uma crescente insatisfação popular para com o governo. Não demorava a tardar, pois, a divulgação de pesquisas de opinião que apontavam a queda de popularidade do governo.

Aos poucos o ciclo ia se fechando e numa constante (des)politização das massas, a grande imprensa conseguiu, de certa maneira, condicionar a insatisfação popular. O ano de 2014 foi crucial como medida da capacidade da imprensa burguesa pautar o anseio popular e as manifestações de rua. A tragédia dos rojões na Central do Brasil¹⁶ caiu como uma luva para selar os “arruaceiros”, Black bloc’s e toda e qualquer ação direta que envolvesse depredação de bancos ou tentativa de ocupação de prédios públicos do legislativo e do executivo. Agora, toda manifestação, para ser legitimada pela grande imprensa, deveria ser pacífica e ordeira e aquelas outras mereceriam, então, a repressão do aparato policial.

O ano passado também foi marcado pela corrida presidencial. E, lamentando o resultado, a Rede Globo fez questão de afirmar que o Brasil estaria então dividido. Seus argumentos se baseavam numa leitura específica do quantitativo de votos que cada candidato obteve no segundo turno do pleito: o mapa territorial do país foi apresentado tingido das cores vermelhas e azuis de acordo com o suposto vencedor em cada estado. Assim, o Norte e o Nordeste teriam dado a vitória à Dilma Roussef, enquanto o Sul, Sudeste e parte do Centro-Oeste ao tucano Aécio Neves. Como afirmamos, esta era uma visão particular – e intencional – da emissora, já que o Tribunal Superior Eleitoral contabiliza os votos em seu total nacional, não em cada estado ou município. Assim, só interessa para os resultados finais o quantitativo total obtido por cada candidato. Com o “Brasil dividido” o âncora William Bonner passava então a questionar aos seus especialistas, como a presidente reeleita iria “lidar com essa situação”, como ela iria governar para aqueles estados que, teoricamente, não a haviam escolhido. Não demorou a tardar o aparecimento de diversas postagens e comentários em redes sociais que culpabilizavam o atraso brasileiro (desta vez expresso na reeleição da presidenta

¹⁶ <http://oglobo.globo.com/rio/morre-cinegrafista-atingido-por-rojao-de-manifestante-no-centro-11558779>;

“corrupta” e “comunista”) mais uma vez na população nordestina. Frases como “alguém separa o Nordeste deste país, por favor!” ou “Errar é humano, persistir no erro é Nordestino” era o mais gentil que se poderia ler¹⁷. Este é um exemplo formidável de como a grande mídia, mesmo se enfrentando com a internet, pode ainda condicionar o “debate” político. Uma mentira bem contada se tornou uma “verdade” de difícil refutação. Mais do que isso, fez transparecer a xenofobia e o preconceito social latente. Fez com que perdessem a vergonha.

4. Depois de Junho: quais os inimigos da esquerda revolucionária?

O temido golpe da direita, propaganda que a militância petista optou por fazer como um das maneiras de desviar o foco das justas críticas que o restante da esquerda (não governista) vem fazendo, não está tão longe assim, pelo menos no plano cultural e dos direitos civis. Ele foi calmamente gestado e, no momento propício, como o de hoje vem mostrando suas facetas.

Se no plano econômico, os governos petistas de Lula e Dilma lograram conciliar capital e trabalho, na medida em que, através das políticas sociais como o “Bolsa-Família”, retiraram enorme parcela da população da miséria e da fome, ao mesmo tempo em que as inseriram no plano do consumo, permitindo um aumento da produção e do mercado interno por um lado e por outro favoreceram o capital financeiro, a angroindústria de exportação e aumentaram em larga medida a privatização de rodovias, portos e aeroportos; no plano cultural deixaram a desejar abandonando a militância de rua e, principalmente, a propaganda e agitação de esquerda, abriram caminho para que a politização ficasse a cargo dos grandes meios de comunicação, ou fosse tensionada nos limites de consumo¹⁸ de uma classe ou outra.

De uma maneira geral, a consciência das massas populares tem sido mal disputada pelas forças de esquerda. O saldo de Junho é negativo ao considerarmos que, se naquele

¹⁷ <http://atarde.uol.com.br/politica/eleicoes/noticias/1634290-nordestinos-voltam-a-sofrer-preconceito-nas-eleicoes>; <http://www.verdinha.com.br/noticias/9718/apos-eleicoes-site-reune-prints-de-casos-de-discriminacao-contr-nordestinos/>; <http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/apos-eleicao-de-dilma-redes-sociais-se-tornam-palco-de-ataques-nordestinos-mas-numeros-revelam-que-disputa-foi-acirrada-em-todo-o-pais-19170/>.

¹⁸ Para nós, o fenômeno dos *rolezinhos* exemplifica essa afirmação. A elite branca se incomodou com a presença de negros adolescentes, que até uma ou duas décadas atrás eram pobres e não poderiam comprar produtos de marca, frequentando os grandes *shoppings centers* das grandes cidades e exigindo seu direito ao consumo, enquanto eram recebidos com desconfiança, perseguição e privação do direito de ir e vir.

momento foi saudado como ascenso das massas populares, hoje a expressão eleitoral se deu na composição do Congresso mais conservador desde aquele instaurado anti-democraticamente pelo golpe militar e que o governo “progressista” do PT ficou a uma diferença de menos de 2% do total de votos de ser retirado do poder. Não negamos o fato de que o Partido dos Trabalhadores ainda tenha uma forte base eleitoral que foi capaz de reelegê-lo em três ocasiões, mas é difícil de acreditar que essa mesma base se expresse em força de resistência caso a tentativa de golpe através de um *impeachment* venha a se tornar realidade. A conta não fecha. O PT foi tímido demais ao falar em democratização dos meios de comunicação, em reforma política, em reforma tributária e mais acanhado ainda ao tratar a Reforma Agrária e a Reforma Urbana, que dirá de uma reforma econômica que lançasse a base de uma economia planificada e superasse a condição estrutural de dependência da economia brasileira...

Ainda assim, os inimigos da esquerda revolucionária não se resumem aos despropósitos do governo federal ou do Congresso. Uma cultura raivosa e violenta vem se tornando cada vez mais presente no cotidiano da população, com os inúmeros casos de agressões e assassinatos da população da comunidade LGBTT's, por exemplo. O grupo social que mais se opõe à liberdade de opção sexual é a dos chamados “evangélicos neopentecostais” ou os que se definem pela Teologia da Prosperidade. Sabemos que essa afirmação nos levaria a um debate profundo sobre a relação que a religião mantém com a cultura e, principalmente, com as classes sociais e seus interesses. Mas para o prosseguimento do debate, queremos afirmar que a religião, mais do que uma “forma de ideologia” é antes de tudo uma *práxis*, isto é um conjunto de práticas sociais, nas quais se envolvem diversos indivíduos de origens sociais distintas, formando grupos que conflitam ideologias na produção de um pensamento teológico (PIMENTEL, 2013).

Basta citarmos a Teologia da Libertação e as religiões de matrizes africanas para verificarmos as contradições inerentes a qualquer sistema social, definição da qual não escapa a religião. Sendo assim, não nos esquivamos de afirmar, ou melhor, negar, enquanto militantes de esquerda, o conteúdo autoritário defendido pela religião que for, praticado pelo conjunto social que for.

Como acertou Reich ainda na década de 1930, “a família autoritária é *a fonte natural da ideologia autoritária* e das estruturas humanas.” (REICH, 1968, p.69). Se esse postulado ainda é dotado de vitalidade, é na construção das relações humanas que as forças revolucionárias têm de incidir sua força de propaganda para contrapor uma cultura de

libertação e emancipação àquela reacionária, do autoritarismo, da violência, do ódio, enfim... do fascismo. As relações de produção são também relações entre seres humanos.

As Jornadas de Junho dificilmente se repetirão e devemos mesmo desejar que não se repitam. Seu caráter amorfo, já identificado naquela época por assim dizer *in loco*, facilitou a disputa de sentido por aqueles que detêm maior condição de empreender a propaganda política. Evidentemente, se sobressaíram a imprensa burguesa pautada pela ideologia autoritária dominante, tanto no campo econômico quanto no cultural e uma miríade de forças conservadoras, entre elas igrejas de toda a sorte, ONG's (ponta de lança do neoliberalismo que atuam na substituição progressiva dos compromissos do Estado com o "bem-estar social") e partidos políticos de centro-direita.

Nossa tarefa nem por isso deixou de permanecer atual. No entanto, ela não pode prescindir de análises cada vez mais precisas da conjuntura e das forças políticas que condicionam a consciência das grandes massas. Além disso, é preciso superar alguns tabus da esquerda, como a própria família e a religião (ou os valores defendidos por tais instituições) sem necessariamente negar suas existências. É preciso, ainda, reconhecer a necessidade de permanecer em constante autocrítica e numa posição corajosa para fazer avançar a emancipação social e a superação da divisão de classes da sociedade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Nilo. "Mídia e Sistema Penal no Capitalismo Tardio." Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/batista-nilo-midia-sistema-penal.pdf> .

DOS SANTOS, Theotonio. **Evolução Histórica do Brasil – da Colônia à Crise da Nova República**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

PIMENTEL, Pedro Guimarães. "Emergência e Legitimação da Linha Branca de Umbanda e Demanda". Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013.

REICH, Wilhem. **A Revolução Sexual**. São Paulo: Editora Zahar, 1980. 6.ed.